

## **“TUDO POSSO” ... SERÁ?** **Masculinidade, (im)potência e dependência em Filipenses**

*Lília Dias Marianno*

Leif Vaage escreveu um artigo intitulado: “*O corpo paulino: um fraco forte e o poder debilitante*”<sup>1</sup>. Nele o autor questionou a personalidade fraca e debilitada do apóstolo, apresentada nas cartas deuteropaulinas, contrastando com o impacto da personalidade forte e marcante do Paulo do livro de Atos. Vaage apontou este antagonismo como um dos critérios que norteiam a discussão sobre a não autoria do apóstolo nas deuteropaulinas. Este artigo é uma extensão da provocação feita por Vaage, mas é um desdobramento a partir de uma análise de gênero. Entendemos que em Fl 4,13 há um ponto de inflexão entre o Paulo forte e o Paulo fraco, sendo aqui um lugar onde a afirmativa de Vaage assume uma plausibilidade singular.

### **Um “tudo posso” muito badalado**

Diante da desintegração de certos valores que a era “pós-moderna”<sup>2</sup> nos impõe, a autoajuda virou um tema insistente e presente, redundante até. Os discursos motivacionais, o incentivo ao sucesso pessoal, à prosperidade material, à estética impecável e à autodeterminação estão presentes em quase todos os tipos de mensagens que nos chegam através das mais diversas fontes. Desde o marketing das companhias que vendem produtos através da mídia até os púlpitos e prédicas dos religiosos, nunca se falou tanto em prosperidade e autoajuda como na atualidade. As máximas “você é aquilo que determina ser” ou “você pode ter tudo que quiser ter” estão sempre na pauta, seja de forma explícita ou de forma subliminar, fazendo um ser humano distanciar-se cada vez mais do seu próximo, ou usar o seu próximo para lograr seus objetivos.

Com isto é impressionante a frequência com que a frase “tudo posso naquele que me fortalece” brota, e brota dos lugares mais surpreendentes: perfis de Orkut, pára-choques de caminhão, outdoors, banners, adesivos de automóveis, conferências empresariais, rótulos, embalagens, cartões de visitas, enfim, não para. Fl 4,13 nunca foi tão conhecida quanto o é agora. A alteridade está em segundo plano faz tempo. No individualismo típico do nosso século predomina a badalação do “eu posso”, “eu faço”, “eu aconteço”. E é nestas horas que o texto bíblico é reivindicado. Aparece atravessado, retirado do seu contexto, usado como pretexto para a construção das teologias de prosperidade e autoajuda. Não é que a autoajuda não seja necessária, nem é nosso

1. Veja VAAGE, Leif. O corpo paulino: um fraco forte e o poder debilitante. Petrópolis. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. n. 55, p. 7-13, 2006.

2. O debate sobre o termo modernidade ou pós-modernidade para classificar o tempo que estamos vivendo é intenso; não queremos entrar neste debate, apenas utilizamos a expressão pós-modernidade por concordarmos mais com esta opção classificatória.

intuito descartar a importância da prática motivacional. Todavia, queremos entender em que momento “tudo posso” saiu da pena de seu autor. O que estava acontecendo com Paulo no momento em que pronunciou esta frase? Esta é uma afirmação de poder ou é uma declaração de impotência? Como ele lidou com a exposição da fraqueza? Foi difícil admitir sua total impotência?

### A origem de “tudo posso”<sup>3</sup>

As seguintes tendências interpretativas foram adotadas como paradigmas neste ensaio: a Carta aos Filipenses está incluída entre os escritos autenticamente paulinos. A epístola não transita numa homogeneidade literária, mas aparenta ser uma compilação de outras cartas, escritas pelo apóstolo à comunidade em diferentes datas e contextos. Distinguem-se três conteúdos relativamente independentes chamados cartas A, B e C<sup>4</sup> e acatamos a possibilidade levantada por alguns pesquisadores de Paulo estar preso em Éfeso. Essa prisão em Éfeso, embora não esteja registrada no texto bíblico, é sustentada devido à coerência geográfica dos fatos da segunda viagem missionária registrados no livro de Atos. A comunidade estava muito próxima, muito prestativa e foi muito rápida em socorrer as necessidades do apóstolo, algo que não seria possível se ele estivesse em Roma ou Cesareia.

Nosso versículo, apesar de estar no último capítulo da epístola, é parte da primeira carta (carta A), escrita pouco tempo depois que o apóstolo recebeu a ajuda da comunidade. Segundo nossa bibliografia, Paulo teria recebido a ajuda dos filipenses e logo a seguir enviado um bilhete de agradecimento imediato. Depois, notificado por Epafródito, ele teria escrito a carta B e num terceiro momento, ciente das reações dos filipenses, teria escrito a carta C.

Deveríamos nos ater apenas à frase “tudo posso”, entretanto a afirmativa em questão reflete uma ambiguidade presente em toda a epístola. Às vezes Paulo se mostra muito forte e convicto. Em outras cartas da epístola ele está quase debilitado e dependente. É justamente nestes momentos que seu discurso afirma: a força que está nele não é dele, mas vem de Deus. O Paulo encarcerado é limitado, enfraquecido, dividido, malnutrido (afinal ninguém é bem-nutrido numa prisão) e a única alegria que ele tem é a fé dos filipenses. A frase: “tudo posso” surge deste momento de humilhação, exposição e debilidade.

Os estudos sobre masculinidade mostram que há uma autodefesa no ser humano do sexo masculino de não “abrir a guarda”, não expor a debilidade, não mostrar fra-

3. A questão da autoria e datação da epístola é devidamente trabalhada no artigo introdutório de Carlos Schlaepfer. Ludovico Garmus também já apresentou as labutas do apóstolo no intuito de não ser pesado a ninguém. Assim, é importante que o leitor também estabeleça contato com os demais textos desta edição, pois nossa discussão aproveita o que já foi levantado pelos demais assessores de *Estudos Bíblicos* nesta edição.

4. Embora esta divisão seja muito discutida e ainda e não haja consenso sobre o lugar exato onde as rupturas acontecem, seguimos a divisão seguida por Comblin: *Carta A* (4,10-20); *Carta B* (1,1-3,1a) e *Carta C* (2,1b-4,9). Conferir em COMBLIN, José. *Epístola aos Filipenses*. 2.ed. Série: Comentário Bíblico. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1992, p. 7-20. Ver a discussão mais extensa sobre esta questão em KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 433-438.

queza, não pedir ajuda porque isso demonstra fraqueza e conseqüentemente fracasso. Homens, em geral, não contam muito sobre suas vidas, excesso de exposição os faz sentirem-se vulneráveis. Mas o Paulo descrito nesta carta é tão diferente... abre o coração, se expõe, confessa sua falta de proteção, seu desejo de morrer logo... uma transparência de fragilidade quase feminina!

Sendo este versículo uma parte da carta A, ele pertence ao primeiro momento em que o apóstolo toma contato com o socorro dos filipenses. Se o apóstolo está preso, seu momento é de opressão, impotência, limitação, espera involuntária, abandono. É nesta hora que a ajuda chega! Temos a tendência de superestimar o humor positivo do apóstolo, pois ele se tornou uma espécie de herói da fé do cristianismo, mas esquecemos que ninguém que vai preso fica feliz por estar preso. O lugar é opressivo, a comida é péssima, as companhias são desagradáveis e, pra piorar, os motivos que o levaram até ali eram injustos. Paulo não devia estar risonho neste lugar, a não ser que tivesse alguma deficiência cognitiva que o levasse a não perceber a realidade do contexto em que se encontrava, que não deve ter sido o caso. Muito possivelmente estava deprimido ou à beira de uma depressão.

É interessante que “tudo posso” venha deste primeiro momento da epístola, o momento no qual o apóstolo está em abandono na prisão, o momento dos questionamentos, enquanto ainda não se acostumou muito bem com o quadro. Nesta hora ele toma contato com a ajuda dos filipenses pela primeira vez. Mas também vale a pena dar uma “espiada” no Paulo das cartas B e C, pois, se estamos na Carta A, as demais epístolas representam momentos posteriores à ajuda dos filipenses. Façamos isto na tentativa de enxergar um Paulo único, mesmo que seu estado de humor tenha se dissipado num escrito fragmentado, ou vamos, pelo menos, conferir seu estado de ânimo (se forte ou fraco) nos diferentes momentos da escrita da epístola.

### **O Paulo da Carta A (Fl 4,10-20)**

Nesta parte da epístola, ou seja, neste primeiro momento de comunicação com os cristãos de Filipos, o apóstolo afirma sua alegria e gratidão (Fl 4,10.13). Ele reconhece que a fidelidade dos filipenses é única (v. 15-16). Ele se mostra consternado e adaptado, conformado com as perdas e ausências que a vida lhe tem proporcionado (v. 12, ideia que se repete na carta C, em 4,8), não busca donativos (4,17), mas está interessado nos frutos que os filipenses estão produzindo (v. 17). O socorro dos filipenses faz o apóstolo se sentir suprido, não tendo ausência de coisa alguma (v. 18).

### **O Paulo da Carta B (Fl 1,1-3,1a + 4,2-7.21-23)**

Nesta parte da epístola alguns temas superam outros. Por exemplo, aqui Paulo se mostra essencialmente alegre (1,4; 2,2.17.19). Há nesta carta pelo menos umas sete ocorrências do tema alegria. Outro tema que se repete na Carta B é a saudade, Paulo se mostra saudoso (1,3.7.8.27) e com a saudade também vem a esperança (1,20.30; 2,16.24).

Aqui também se encontram as declarações de certeza mais frequentes de toda a epístola (1,5.7). Na Carta B temos um Paulo autoconfiante, bastante parecido com o Paulo forte de Atos dos Apóstolos. Um Paulo que tem certezas várias (1,12.19), inclusive já nem se importa se estão pregando o evangelho por concorrência (1,16.18.25), mas ele confessa: está dividido entre o desejo de viver e o desejo de morrer, embora se convença que ficar vivo é o melhor negócio (1,20.21.22-25). Outra ideia que aparece com alguma frequência nesta parte é a do Paulo intercessor e servo, que se coloca entre pessoas e suas causas desejando ajudá-las (1,1.9.10).

### **O Paulo da Carta C (Fl 3,1b–4,1 e 4,8-9)**

O Paulo desta parte da epístola destoa um pouco do Paulo das cartas A e B. Aqui ele demonstra ainda mais certezas do que na Carta B, aliás, até jactancioso, já que se reporta ao orgulho de sua tradição farisaica como um fiel obediente à Lei de Deus (3,4-7). Ele se mostra adaptado com ausências e perdas (3,12-13). Há, porém, uma presença com a qual ele não se conforma: a presença dele mesmo no próprio corpo. Em 3,21 o apóstolo faz uma declaração muito forte. Ele diz que aguarda com esperança a pátria celeste e o Salvador, que “transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória”.

Aparentemente, nem as algemas aprisionam tanto o apóstolo quanto o próprio corpo. Corpo para ele é sinal de problema, de humilhação. A relação de Paulo com questões de corporeidade e gênero é bastante complexa<sup>5</sup>, mas é interessante que, numa epístola onde o tema da alegria está sempre presente, Paulo encare o corpo como humilhação e como a verdadeira prisão da qual ele anseia ser liberto, e demonstre até alguma revolta por não poder mudar sozinho tal realidade. Tal afirmação negativa e restritiva sobre o corpo, não apenas aqui, mas em outros escritos paulinos, nos apresenta um apóstolo quase gnóstico, um Paulo contraditório, pois o que expressa alegria em nós é o corpo e a respeito deste corpo ele não fala com alegria<sup>6</sup>:

“... o gnóstico como possuidor do elemento espiritual, pneumático, rejeita e condena totalmente este mundo com seus senhores que mantêm prisioneiro (anticosmismo), porque se sabe estrangeiro a ele; sua pátria é o pleroma ou o mundo da plenitude divina [...] O mundo gnóstico é o mundo da divisão, da contraposição, do abismo ontológico que separa, no cosmo, a luz das trevas e, no homem, o princípio pneumático do que é material (dualismo)”<sup>7</sup>.

5. Não há espaço para estabelecermos este diálogo aqui, mas de antemão indico as seguintes obras para que o leitor possa aprofundar-se sobre os conflitos de gênero nas falas paulinas: FOULKES, Irene. Paulo: um militante misógino? Teoria de gênero e releitura bíblica. Em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 20, 1995, p. 149-166. SCHOTTROFF, Luise. Quanto é justificada a crítica feminina a Paulo? Paulo e as mulheres cristãs. Em: *Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 83-112.

6. Isso nos coloca na linha de debate sobre o “espinho na carne”. Seria uma deficiência física que faria o apóstolo se sentir tão aprisionado?

7. FILORAMO, Giovanni. Em: *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/ Paulus, 2002, p. 625.

Concluindo esta breve análise, temos, na Carta C, um Paulo muito preocupado em ser bom exemplo para os filipenses, tanto que em outras ocasiões ele se apresenta como exemplo para os mesmos (3,17). Em contrapartida, o Paulo da Carta B é o Paulo que exorta, que adverte, que aconselha e orienta. Talvez por isso, o Paulo da Carta A é o Paulo mais desarmado, consternado, mais “sem-graça” com o carinho que recebeu da comunidade de Filipos<sup>8</sup>.

É neste momento desarmado que, mostrando sua vulnerabilidade, Paulo afirma: “tudo posso naquele que me fortalece”. Este é um Paulo despido, desnudado pela afeição da comunidade. Mas prossigamos.

### **Esse macho não é tão forte assim...**

É curioso olhar para este apóstolo tentando enxergar suas fragilidades. Provavelmente Filipenses seja um dos escritos mais ricos para isto, pois nos apresenta um Paulo muito exposto e transparente, alguém sem recato de esconder sentimentos, um Paulo “fora do padrão hegemônico” de masculinidade. Isso nos leva a perguntar por que, nesta epístola especificamente, Paulo está tão “tocável” tão fácil de ser acessado? É quase “possível” tocar as emoções do apóstolo de tão abundantes que elas se mostram na epístola.

Quero suspeitar que essa superexposição de emoções tenha a ver com a congregação tipicamente feminina que se reúne em Filipos a partir da casa de Lídia. Cada pastor dá seu jeito para seu rebanho e vice-versa, cada padre dá seu tom pra sua paróquia, cada rebanho e cada grupo de paroquianos também emprestam seus próprios jeitos para o pastor, ambos vão se adaptando um ao outro.

Embora a passagem de Paulo em Filipos tenha sido breve, a intimidade do apóstolo com esta congregação é singular. Aliás, toda a contingência que põe o apóstolo em contato com este grupo é fora do comum. Primeiramente, seu companheiro da primeira viagem missionária não estava mais com ele. Barnabé insistira investir novamente em Marcos, Paulo não concordou, assim, a dupla se separou. Barnabé rumou com Marcos para Chipre e Paulo seguiu com Silas (At 15,36-40). Somente na Ásia Menor é que ele conheceu a Timóteo e deu outra dinâmica ao trabalho. Mas este início sem Barnabé parece deixar o apóstolo meio inseguro. Isto se reflete nas suas atitudes incoerentes, ou acovardadas, denotando novamente que Paulo está passando por um tempo de ambiguidade de atitudes.

Por exemplo, depois de ter defendido a não-circuncisão dos gentios diante do concílio em Jerusalém e ter sido vencedor com o argumento, agora, para prosseguir no ministério, ele circuncida Timóteo, e adulto! Como pode? É uma contradição que se justifica se pensarmos na insegurança que Paulo sente em não ter mais consigo a Bar-

8. Comblin indica o fato que este constrangimento do apóstolo pode ter sido gerado pela impotência que a prisão obriga o sujeito a estar, ele sempre esteve acostumado a trabalhar com as próprias mãos, agora não pode sequer suprir-se a si mesmo, depende da ajuda de gente de fora. Dentro de uma análise de masculinidade, isso faz sentido, pois ele ficou na condição de inválido ou de um desempregado, que depende de favores dos outros, e a personalidade masculina, mais que a feminina, tem grandes incômodos para lidar com situações deste tipo.

nabé, homem respeitado pelos cristãos de Antioquia. É provável que os cristãos de Antioquia tenham confiado mais na dupla devido à presença de Barnabé. Agora que Barnabé partiu para outra região não é de estranhar que o ex-perseguidor da Igreja conte com alguma reserva dos cristãos que os enviaram na primeira missão. A intolerância de Paulo com a debilidade de Marcos fez com que ele perdesse a companhia de Barnabé, aquele homem com espírito de diaconia, de serviço, ajuda e socorro. É um abalo na missão a “baixa” de alguém tão valoroso. Por certo Paulo seguiu para a Ásia se sentindo meio traído.

Em Trôade Paulo teve a visão do varão que pedia “passa à Macedônia e ajuda-nos” (At 16,6-10). Ou seja, até as circunstâncias que levaram Paulo a Filipos também eram incomuns, pois o texto bíblico não tinha mostrado, até agora, nenhuma orientação espiritual para Paulo que seguisse esse estilo.

Em geral, ao chegar a algum local novo, Paulo se dirigia à sinagoga local para encontrar-se com os judeus da região e por ali começar sua pregação. Neste caso específico, At 16,13 nos diz que ele se dirigiu para fora da cidade (At 16,13). Segundo Ivoni Richter Reimer, há uma vasta discussão sobre que tipo de lugar seria este, mas a conclusão que se pode chegar é que seria um espaço sinagoga, fora da cidade, pois a religião judaica não poderia ser aceita e praticada na capital<sup>9</sup>.

Curioso é que só tenha mulheres ali. É assim que a vida desta comunidade começa com esta mulherada, um início totalmente atípico das outras igrejas plantadas pelo apóstolo. Somente depois da prisão em Filipos é que o carcereiro e sua família tornaram-se cristãos. Em Filipos, pela primeira vez Paulo foi açoitado e aprisionado. Na primeira viagem ele se viu envolvido em muitos tumultos, foi apedrejado e expulso de cidades, mas em Filipos ele foi açoitado e preso!

Na terceira viagem, Paulo não foi ao encontro dos filipenses, ele enviou Timóteo e Erasto (At 19,22). Pelo texto de Filipenses sabemos que a prisão onde Paulo está quando escreve aos filipenses não é a mesma prisão em que ele se encontrava em At 16. Trata-se de episódio posterior, pois ele menciona que também em Tessalônica, por duas vezes, os filipenses cuidaram dele, mesmo estando relativamente distantes. Aliás, ele elogia o cuidado certo e constante das filipenses; afinal, cuidar com insistência é “coisa de mulher”. Por certo, uma igreja de mulheres tem seu diferencial.

E é aqui que vemos o outro lado de Paulo. É para estas mulheres que Paulo abre o coração dizendo que já teve de tudo e também perdeu tudo. Ele não está forte, está fraco, mas se torna fortalecido pela esperança do Deus que o supre na escassez, na fome, na angústia através do cuidado destas irmãs. É este sentimento de esperança que fortalece Paulo. O “tudo posso” não é uma declaração de “superpoderes”, como quem está reivindicando poder ou de quem quer tomar posse daquilo que não lhe pertence, uma declaração de que “posso nada”. É afirmação de fraqueza, de impotência e de dependên-

9. É a conclusão estabelecida por RICHTER REIMER, Ivoni. Vida de mulheres na sociedade e na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 70-73. Já Comblin discorda e acredita que o espaço seja um lugar ao ar-livre majoritariamente frequentado por mulheres, à beira do rio.

cia, que só se reverte através do cuidado renovado e constante da comunidade atenciosa, caridosa e cuidadosa das mulheres de Filipos.

## Conclusão

Ouvi de gente idosa, certa vez: “homem que recebe muito carinho fica dengoso”. Eu ando testando esta teoria com meus meninos em casa, e o resultado está confirmando a teoria. A sensibilidade masculina aflora a partir do contato com a sensibilidade feminina. A forma singular com que a comunidade de Filipos se formou e seu constante cuidado pelo Apóstolo não apenas o tornaram demasiadamente alegre, mas também mais sensível, mais exposto, mais fragilizado, mais propenso a demonstrar emoções.

Sem conseguir prever, Paulo deixou aqui o exemplo de outra masculinidade possível, masculinidade sensível, que não quer fazer “cara dura”, que contradiz o modelo hegemônico e androcêntrico. Paulo expõe suas fragilidades, se derreteu diante desta comunidade majoritariamente feminina.

Quando escreveu aos filipenses Paulo não podia fazer nada por eles, foram eles que fizeram tudo pelo apóstolo. Aqui o pastor foi cuidado pela comunidade. É interessante pensarmos neste modelo de mentoria comunitária que a carta nos propõe. Paulo só pôde se sentir suprido porque o cuidado pastoral da comunidade renovou nele as forças. No final desta carta ele declara: “o meu Deus satisfará magnificamente todas as vossas necessidades, segundo suas riquezas em Cristo Jesus” (Fl 4,19).

“Tudo posso” veio da prisão, um lugar de despojamento, onde não se tem nada, nem se pode fazer coisa alguma, um lugar de impotência e de dependência. De impotente, fraco e dependente pela prisão ele se transformou. Se declarou suprido (4,18), não sentia falta de nada. É a fala de um homem fortalecido pela ajuda das mulheres, afinal ele abriu a carta falando: “Grande foi minha alegria no Senhor porque, afinal, vi florescer vosso afeto por mim...” (Fl 4,10).

Que diferença faz um “cafuné”!

É, Paulo, depois do “cafuné” eu penso: você ficou dengoso!<sup>10</sup>

*Lília Dias Marianno*  
Rua Dr. Aníbal Moreira, 104, apt. 102  
Tijuca  
20510-110 Rio de Janeiro, RJ  
e-mail: lilia.marianno@gmail.com

10. Além das obras já mencionadas nas notas anteriores, sou devedora também a THEISSEN, Gerd. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2006, 146p. O texto transcrito de Fl 4,10 é da tradução da Bíblia Vozes.